

Caminhos da História Filosófica da Psicologia de Saulo de Freitas Araujo

Paths of Saulo de Freitas Araujo's Philosophical History of Psychology

Cíntia Fernandes Marcellos

 <https://orcid.org/0000-0003-1552-0183>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas de Gerais
Brasil

Monalisa Maria Lauro

 <https://orcid.org/0009-0002-2493-0897>

Centro Universitário UniAcademia
Brasil

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

 <https://orcid.org/0000-0002-9380-0423>

Universidade Federal Fluminense
Brasil

Resumo

O modo como Saulo de Freitas Araujo (1971-2024) se dedicou aos campos da História e Filosofia da Psicologia representa um esforço louvável e um legado significativo para essas áreas, dentro e fora de nosso país. Seu trabalho como professor e sua obra representam um rico e vasto referencial para os profissionais desses campos. Após completar um ano de sua morte, este texto pretende oferecer uma homenagem à sua memória e ao seu legado intelectual. A partir da questão sobre por que uma história filosófica da psicologia (HFP), buscamos apresentar aspectos fundamentais de sua proposta, que integra a História da Psicologia a um “espírito filosófico”, bem como destacar os seus reflexos para a formação de profissionais e historiadores da psicologia.

Palavras-chaves: Saulo de Freitas Araujo; história filosófica da psicologia; historiografia da psicologia.

Abstract

The way Saulo de Freitas Araujo (1971-2024) dedicated himself to the fields of the History and Philosophy of Psychology represents a commendable effort and a significant legacy for these areas, both within and outside Brazil. His work as a professor and his published work provides a rich and vast reference for professionals in these fields. One year after his death, this text aims to pay tribute to his memory and intellectual legacy. Starting with the question of why a philosophical history of psychology (PHP) is important, we seek to present fundamental aspects of his proposal, which integrates the History of Psychology with a “philosophical spirit,” as well as to highlight its impact on the training of psychology professionals and historians of psychology.

Keywords: Saulo de Freitas Araujo; philosophical history of psychology; historiography of psychology.

Ao completar um ano da morte de Saulo de Freitas Araujo (1971-2024), em 02 de maio, este texto pretende oferecer uma homenagem à sua memória e ao seu legado intelectual.

Formado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997), Saulo concluiu o Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2000) e o Doutorado, também em Filosofia, pela Universidade Estadual de Campinas (2007) com estágio sanduíche na *Universität Leipzig*, na Alemanha. Posteriormente, desenvolveu sua pesquisa de pós-doutorado na *Universitat Autònoma de Barcelona* (2014), na Espanha, e por um ano foi professor na *University of West Georgia*, nos Estados Unidos (2016-2017), retomando suas atividades como professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, iniciadas em 2000. Ao longo desta trajetória, suas inquietações intelectuais resultaram em pesquisas e publicações nestas duas áreas, algumas das quais alcançaram repercussão internacional e compõem um acervo publicado que reúne 15 livros, 75 artigos e 82 capítulos de livros¹. O reconhecimento institucional pelo seu trabalho veio com o prêmio *Early Career Award* da *American Psychological Association* (APA), em 2013, e em sua eleição como *Fellow* da APA, por suas contribuições para a área de História da Psicologia, em 2018.

Sem a intenção de apresentar uma biografia pessoal ou uma crítica minuciosa de suas contribuições à História e à Filosofia da Psicologia, apresentaremos nestas linhas uma análise sobre o que consideramos terem sido os aspectos fundamentais de sua proposta em uma maturidade recém alcançada, e cujos reflexos se mostram também em sua atuação como professor e formador de novos pesquisadores. Nossa ponto de partida é a questão: *por que uma história filosófica da psicologia* (HFP)? Nossas considerações a respeito de tal questão perpassarão três domínios: o primeiro, dedicado ao âmbito da motivação pessoal; o segundo, ao âmbito da formação acadêmica e profissional em Psicologia, e o terceiro, voltado aos aspectos teóricos e metodológicos ligados ao campo da Historiografia da Psicologia.

Uma história filosófica da psicologia a partir do âmbito da motivação pessoal

Para iniciarmos, cabe, em primeiro lugar, recordar o que seria, segundo o próprio Saulo, a história filosófica da psicologia:

Uma história filosófica da psicologia, como eu a entendo, é uma história da psicologia guiada por questões filosóficas específicas, sendo a mais importante de todas a relação geral entre psicologia e filosofia. (...) Em outras palavras, o objetivo central em uma história filosófica da psicologia é revelar como o desenvolvimento histórico e a

¹ Esses dados referem-se à última atualização do seu currículo Lattes (2023), acrescida de três obras publicadas próximas à data de seu falecimento. Ainda há publicações póstumas, a serem consideradas futuramente. Mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/3032433208056386>.

elaboração de projetos psicológicos estão intimamente relacionados a suposições filosóficas que nem sempre são explicitadas (Araujo, 2016a, p. 109).

Indicado de forma introdutória os termos gerais de sua proposta, nossa discussão tem início no âmbito da motivação pessoal de Saulo para empreendê-la como uma abordagem complementar ao campo da História da Psicologia, baseada no pressuposto da integração entre a História e a Filosofia da Psicologia.

Aqueles que trabalharam ao lado do Saulo ao longo dos 24 anos de sua atuação profissional, fosse como parceiro de pesquisa ou estudante em formação, tiveram a oportunidade de constatar que todo seu trabalho possuía um primeiro e fundamental ponto de partida: uma curiosidade intelectual genuína.

Não alheio às fragilidades da existência humana e, em particular, daquelas estimuladas pela vida acadêmica contemporânea, Saulo defendia e praticava a fidelidade que cada pesquisador deveria manter em relação a seus interesses profundos, evitando guiar-se por meros modismos, padrões de produtividade acadêmica ou interesses oportunistas. Ao contrário, a primeira reflexão, antes de qualquer decisão em relação a quais investigações se dedicar, deveria ser sobre o próprio interesse e envolvimento com aquilo que seria estudado. Assegurado o interesse autêntico sobre o assunto, as dificuldades intelectuais, metodológicas ou mesmo relacionadas à recepção dos resultados por parte da comunidade acadêmica, que fatalmente surgiriam no caminho, seriam contornadas. A resistência do pesquisador às intempéries da vida acadêmica seria assegurada, portanto, por sua fidelidade e compromisso profundo com seus propósitos intelectuais, e não pelos resultados favoráveis ou desfavoráveis que viesse a obter.

Face a isso, seu interesse específico pelas questões filosóficas subjacentes à psicologia manifestava-se desde seu trabalho de conclusão de curso de graduação, intitulado *A influência de Karl Popper na psicologia brasileira: uma análise bibliométrica* (publicado em 1998), sob a supervisão de seu primeiro orientador e incentivador, o professor Marcos Emanoel Pereira. Além deste, entre seus primeiros trabalhos e que demonstram tal interesse pode-se citar *As fragilidades da psicanálise como ciência e como método de tratamento: críticas de Popper, Grünbaum e Eysenck à psicanálise* (Araujo, 1996), *Mentes e máquinas, ou, o que tem a inteligência artificial a nos dizer a respeito dos fundamentos da psicologia?* (Araujo, 1999) e *O materialismo eliminativo e o problema ontológico da psicologia* (Araujo, 2002). Foi neste contexto de interesses que Saulo obteve seu treinamento filosófico no mestrado na UFSCar, ocasião em que conviveu com intelectuais como Bento Prado Júnior (1937-2007) e José Antônio Damásio Abib, e no doutorado na UNICAMP, sob a orientação de Luiz Roberto Monzani (1946-2021).

Foi este mesmo interesse intelectual genuíno que o auxiliou a conceber aquele que seria seu primeiro grande trabalho em história filosófica da psicologia, *O projeto*

de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação (2010)², como ele próprio posteriormente esclareceu (Araujo, 2016a; cf. Fierro & Araujo, 2020):

Ao analisar sua obra, os limites das abordagens sociais da história da psicologia tornaram-se claros para mim (...). Eu tive a nítida impressão de que alguma coisa estava faltando nos estudos contemporâneos de Wundt. De fato, uma vez que Wundt foi professor de filosofia e viveu em uma época em que a separação entre filosofia e psicologia raramente existia, seja no plano institucional ou intelectual, como uma interpretação histórica de sua obra psicológica poderia deixar de lado ou desprezar a importância de seu projeto filosófico, que se desenvolveu paralelamente àquela? (Araujo, 2016a, p. 113).

Junto à sua curiosidade intelectual genuína em relação aos fundamentos filosóficos da psicologia, Saulo iniciava naquele tempo uma reflexão sobre os limites da própria historiografia da psicologia, em particular da chamada “história social”, como veremos mais adiante. Por ora, queremos destacar aqui outro elemento da sua motivação pessoal que marcou indelevelmente sua proposta de uma história filosófica da psicologia: a crença na possibilidade de um conhecimento verdadeiro. Não cabe aqui, naturalmente, levantar questões sobre a natureza ontológica dessa verdade ou encampar discussões sobre os limites epistemológicos do conhecimento, mas antes salientar a convicção de Saulo na possibilidade de compreender e alcançar os fatores racionais constitutivos das teorias psicológicas, por meio da investigação historiográfica e filosófica. Embora reconhecesse os diferentes obstáculos epistemológicos e metodológicos a essa investigação, Saulo acreditava profundamente na possibilidade de avaliar e diferenciar teorias a partir de sua coerência interna, da validade de seus argumentos e da força de suas evidências.

Desta forma, tanto sua curiosidade intelectual genuína a respeito dos fundamentos filosóficos, explícitos ou não, dos diferentes projetos de psicologia, quanto sua convicção profunda na possibilidade de se construir teorias científicas baseadas em conhecimento verdadeiro estiveram por trás do desenvolvimento de sua proposta de uma história filosófica da psicologia.

O lugar de uma história filosófica da psicologia na formação acadêmica e profissional

Ao lado de sua curiosidade intelectual genuína e sua perene busca de maior consciência acerca dos problemas fundamentais da psicologia, seguramente podemos destacar como outro aspecto característico da vida acadêmica de Saulo a sua nítida preocupação com a condição incipiente das áreas de História e Filosofia da Psicologia no Brasil, claramente expressa pela escassez de discussões sistemáticas sobre os fundamentos teórico-conceituais e pela formação do

² Esta obra foi revista, ampliada e atualizada para uma versão em inglês sob o título *Wundt and the Philosophical Foundations of Psychology: a Reappraisal* (2016b).

psicólogo brasileiro, predominantemente restrita às produções empíricas, aos treinamentos técnicos e às aplicações práticas (Araujo, 1996, 1998, 2011, 2012a, 2012b, 2013, 2016a).

Não ignoramos o fato de que essa preocupação não é um acontecimento inédito na psicologia brasileira, assim como o seu cuidado em justificar o estudo da História e da Filosofia da Psicologia não é um empreendimento exclusivo de suas publicações. Isso tem sido apresentado na literatura nacional sob distintas perspectivas (e.g., Penna, 1998; Wertheimer, 1998; Tourinho, Carvalho Neto & Neno, 2004; Abib, 2005; Laurenti, 2012). É inegável, contudo, o modo preciso e rigoroso com que o professor Saulo se dedicou a essas ocupações ao buscar desenvolver uma História da Psicologia integrada a um “espírito filosófico”.

É precisamente nesse campo de pesquisa interdisciplinar, visto como um caminho promissor e possível, que podemos compreender o cerne de seus argumentos mais decisivos acerca da indispensabilidade da história na formação acadêmica e profissional em psicologia, a saber: a história filosófica como um instrumento de reflexão e compreensão dos pressupostos teórico-conceituais fundamentais da psicologia do passado e do presente. Nas palavras do próprio professor:

Entre outras possibilidades, a investigação histórica pode auxiliar a reflexão filosófica e a ampliação da consciência do psicólogo sobre seu próprio trabalho, na medida em que revela os contornos específicos da formação e do desenvolvimento da psicologia nos seus contextos mais diversos, seja como projeto científico puro, seja como prática profissional. Ao invés de legitimar e naturalizar certos arranjos disciplinares e profissionais contemporâneos, a historiografia da psicologia procura exatamente limitar e contextualizar esses arranjos, mostrando como seus vínculos com o passado não se dão na forma de uma perfeita continuidade, mas que envolvem também conflitos, rupturas, redefinições, apropriações específicas etc. Em outras palavras, através da pesquisa histórica encontramos condições problemáticas do desenvolvimento da psicologia, que continuam ecoando em várias partes da psicologia atual, apesar de seus valiosos avanços metodológicos e tecnológicos (Araujo, 2013, pp. 13-14).

A partir dessa citação, podemos então constatar que, como instrumento de reflexão, uma história filosófica não está comprometida em celebrar ou legitimar o presente, mas sim em proporcionar uma compreensão mais crítica e objetiva da psicologia atual por meio do afastamento ou transcendência das configurações vigentes e do reconhecimento de elementos presentes, ausentes ou esquecidos em relação a outras épocas. Isso significa que uma história filosófica nos ensina que a psicologia, seja como ciência ou como profissão, é uma contingência histórico-institucional, ou seja, está vinculada a circunstâncias históricas (internas e externas) específicas, dentro das quais emergem seus conceitos, suas práticas e as relações com outras áreas de conhecimento.

É precisamente nesse sentido que, em seus textos *History of Psychology as a measure against oblivion* (2011a) e *A história da psicologia como medida contra*

o esquecimento (2012a), Saulo problematiza a separação institucional entre psicologia e filosofia no século XX, advertindo-nos de que ela não deve ser equivocadamente tomada como uma separação intelectual e cabal, sob o risco de produzirmos confusões conceituais, distorções e lacunas interpretativas. Uma expressão clara disso é observada por ele próprio em seus estudos sobre Wilhelm Wundt, que, mesmo sendo uma referência inconteste no desenvolvimento da ciência psicológica, teve sua obra insuficientemente ou erroneamente interpretada, visto que seu projeto de psicologia científica se torna incompreensível sem a devida consideração de sua profunda relação com o seu sistema filosófico. É nessa perspectiva, por exemplo, que Saulo nos oferece uma interpretação inovadora a respeito de uma mudança no projeto psicológico de Wundt (o abandono da teoria lógica da mente e do inconsciente em direção ao estudo da vida mental consciente), a qual só se lhe tornou compreensível quando considerou o desenvolvimento do pensamento filosófico de Wundt, sobretudo suas leituras kantianas (cf. Araujo, 2010, 2016b).

Diretamente relacionada à consciência histórica acerca da psicologia está a autoconsciência histórica. Nesse ponto, Saulo nos lembra que, embora, em muitas ocasiões, os psicólogos possam realizar suas atividades (acadêmicas e profissionais) sem atentarem-se explicitamente para os pressupostos histórico-filosóficos das teorias que as embasam, a ignorância ou negligência em relação a esses pressupostos não reduz ou elimina sua influência sobre o trabalho realizado (Araujo, 2012b). E uma vez que as atividades do psicólogo se situam em condições históricas, uma história filosófica o beneficia, ao ampliar sua capacidade de examinar mais clara e precisamente as influências e os compromissos de sua área, tornando-os explícitos.

Dada essa possibilidade de uma compreensão mais rigorosa de projetos e correntes teóricas da psicologia, uma história filosófica também torna possível o estabelecimento de debates intelectuais dentro de um nível racional-construtivo, tendo em vista que favorece o rigor conceitual; o discernimento de afinidades e divergências teóricas; a atitude crítica com relação ao alcance e às limitações das teorias. Dessa forma, uma consciência histórico-filosófica promove um afastamento tanto de uma postura dogmática, que acentua o isolamento teórico na psicologia por meio de uma visão idealizada e uma defesa obstinada de uma teoria em detrimento de outras, quanto de uma atitude eclética imprudente, que força semelhanças entre teorias, ignorando ou minimizando diferenças conceituais significativas (Laurenti, Lopes & Araujo, 2016).

Como ainda pode ser evidenciado na citação acima, uma reflexão sobre o percurso histórico e os pressupostos filosóficos da psicologia é imprescindível para uma melhor identificação e compreensão de questões fundamentais e impasses que a acompanham desde seus primórdios. Aqui, como a obra *Ecos do Passado: estudos de história e filosofia da psicologia* (2013) nos leva a entender, o caminho em direção a uma história filosófica da psicologia é uma abertura para os “ecos do

passado", ou seja, para os problemas teórico-conceituais comuns aos mais variados projetos psicológicos, os quais continuam em aberto, ecoando na psicologia contemporânea. O intuito central aqui, como bem nos adverte Saulo, não é procurar uma solução no passado, mas sim tomar consciência dos problemas realmente relevantes e avaliar melhor o que é anunciado como avanço e novidade na contemporaneidade, precavendo-nos de repetições ingênuas (Araujo, 2013). Entre uma série de problemas teórico-conceituais, em relação aos quais uma pesquisa histórico-filosófica da psicologia cumpriria essa função, Saulo destaca nessa obra os que ressoam significativamente na contemporaneidade: o problema da relação mente-cérebro, a diversidade teórica e metodológica na psicologia, o problema da sua científicidade, o problema da linguagem psicológica etc.

Por fim, para além de explicitar as razões formativas para uma história filosófica da psicologia, Saulo também institucionalizou suas próprias contribuições ao âmbito formativo. Em primeiro lugar, criou e coordenou o Núcleo de História e Filosofia da Psicologia Wilhelm Wundt (NUHFIP), entre os anos de 2010 e 2024. Coordenou a criação da primeira linha de pesquisa brasileira em História e Filosofia da Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFJF, em 2012, e neste contexto criou as disciplinas *Estudos avançados em história e filosofia da psicologia; Filosofia da ciência e pesquisa psicológica e História da ciência e Psicologia*, que ministrou até 2020. Em 2013, fundou a biblioteca do NUHFIP, cujo acervo, oriundo da biblioteca particular do professor William Woodward (*University of New Hampshire*), conta com cerca de 2.100 obras raras e de difícil acesso em nosso país. E, a partir de 2018, passou a organizar a série *Clássicos da Psicologia*, publicada pela editora Hogrefe, que apresenta traduções acompanhadas de introdução e notas explicativas de textos inéditos de Wilhelm Wundt, John Watson, Edward Titchener, Liev Vigotski e William James.

Razões teóricas e metodológicas para a história filosófica da psicologia

Conhecemos até aqui as razões para a história filosófica da psicologia desenvolvida por Saulo, no que chamamos de domínios da motivação pessoal e da formação acadêmica e profissional em Psicologia. Contemplaremos agora o terceiro domínio: o das razões teóricas e metodológicas. Como vimos já na primeira seção, Saulo desenvolveu ao longo de sua obra uma reflexão a respeito dos limites e possibilidades da própria historiografia da psicologia. Isto envolveu uma articulação deste campo com as tensões encontradas entre as áreas da história da ciência e da filosofia da ciência, como detalharemos a seguir.

No que diz respeito ao primeiro grupo de tensões, destaca-se a da relação entre história e filosofia da ciência. Em termos gerais, o debate circula em torno de duas teses principais: 1 – a história e a filosofia da ciência devem ser integradas na medida em que "a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega, ... a filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia" (Hanson, 1962, p. 580; cf. Araujo,

2016a); 2 – as áreas não podem ser efetivamente integradas em um campo unificado, na medida em que a filosofia da ciência possui um interesse universalista e normativo, enquanto a história da ciência possui um caráter particular e descriptivo, havendo entre ambas, se muito, apenas um “casamento de conveniência” (Giere, 1973, p. 283; cf. Araujo, 2016a). Saulo não desenvolveu uma posição definitiva sobre este debate, mas o transpôs para o campo da história e filosofia da psicologia, ciente de que seu trabalho representaria uma possível e promissora forma de integração entre as duas áreas, como compreenderemos melhor mais adiante.

O segundo grupo de tensões é referente ao campo da historiografia da psicologia. De novo, em termos gerais, sabe-se que este campo foi profundamente marcado por uma série de debates teóricos e metodológicos entre as décadas de 60 e 80 do século XX, que conduziram a um movimento chamado de “nova história da psicologia”. O propósito geral deste movimento foi o de, primeiramente, superar a “velha” história da psicologia, fortemente marcada por seu caráter presentista, personalista e celebratório, colocando em seu lugar uma historiografia historicista, contextualista e crítica (e.g., Brozek & Pongratz, 1980; Furomoto, 1989; Young, 1966 etc.). Em que pese o sucesso deste movimento, ele não se desdobrou sem contestações (e.g., Lovett, 2006). Adentrando o século XXI, portanto, em lugar de notarmos uma unidade em torno da nova historiografia da psicologia, observamos uma difusão de perspectivas sobre o que é; como desenvolver e para que serve a historiografia da psicologia. Saulo participou ativamente deste terreno de debates, principalmente a partir do ano de 2016, quando, através de uma série de escritos (e.g., Araujo, 2016a, 2016c, 2017a), passou a explicitar de maneira formal a sua perspectiva historiográfica. É neste contexto que vemos a transposição da tensão entre história e filosofia da ciência para o campo da história psicologia:

(...) assumindo que os debates sobre a HPS (History and Philosophy of Science – acréscimo nosso) podem ser frutíferos para a história e a filosofia da psicologia, duas questões centrais surgem imediatamente. Primeiro, como é que análises filosóficas de projetos psicológicos aumentam a acurácia e a riqueza do conhecimento histórico em psicologia? Segundo, como é que investigações de episódios históricos particulares podem ser relevantes para discussões contemporâneas em psicologia? Ambas as questões deveriam ser vistas como um reflexo das duas tendências gerais em HPS: uma história filosófica da ciência e uma filosofia histórica da ciência (...) (Araujo, 2016a, p. 109).

Como apontado anteriormente, ao longo de sua obra, Saulo apostou na possibilidade e importância da integração entre história e filosofia da ciência, ao menos no que se refere ao caso da história da psicologia, culminando na sua proposição de uma história *filosófica* da psicologia. Esta história, em sua concepção, contribuiria com os propósitos tanto do campo da (nova) historiografia da psicologia quanto da filosofia da psicologia ou psicologia teórica e filosófica, como atualmente costuma ser chamada (e.g., Teo, 2019).

No que se refere à historiografia da psicologia, a história filosófica da psicologia teria o papel de explicitar as questões filosóficas que fundam o campo da psicologia, e participam de seu desenvolvimento histórico. Isto permitiria a sua investigação e avaliação, condição indispensável para a consciência crítica dos psicólogos sobre seu próprio campo. A história filosófica, desta forma, alinha-se aos anseios do movimento da “nova história”, ao menos no que se refere a três critérios: ela é crítica (e não celebratória); policêntrica (e não monocêntrica), e neutra de um ponto de vista metafísico (cf., Araujo, 2016a, 2017a).

Em lugar de uma análise dos determinantes predominantemente sociais, culturais, econômicos, institucionais e técnicos do desenvolvimento da psicologia científica, a história filosófica daria ênfase aos seus determinantes teórico-conceituais:

Ao invés de enfatizar as dimensões política e social da psicologia, e de ver o seu desenvolvimento por intermédio das lentes de teorias sociais e de categorias como ‘práticas sociais’, uma história filosófica da psicologia foca na coerência e racionalidade dos projetos psicológicos dentro de seu próprio contexto histórico. (Araujo, 2016a, pp. 109-110).

Saulo foi um estudioso das discussões propostas pelos autores da sociologia do conhecimento científico e da sua influência sobre a chamada nova história da psicologia, e reconhecia suas contribuições fundamentais para o desenvolvimento do campo. No entanto, mantinha-se convicto de que o recurso aos fatores sociais, políticos ou institucionais, ou ainda ao relativismo epistêmico, não seria suficiente para explicar os problemas fundamentais das teorias e conceitos psicológicos:

Eu defendo a tese de que questões filosóficas e conceituais não podem ser reduzidas a questões sociais, isto é, seu sentido não pode ser completamente capturado por análises sociológicas ou socioconstrutivista (sic). Ainda que tais análises possam abrir novos horizontes de compreensão do desenvolvimento histórico da psicologia, elas deixam muitas questões sem resposta (Araujo, 2016a, p. 102).

A defesa desta perspectiva, como se poderia imaginar, foi recebida com alguma incompreensão por parte de membros da comunidade de historiadores da psicologia, o que fez com que Saulo se envolvesse, ao longo de 2017, em um debate aberto sobre o tema. Do ponto de vista de seus críticos, entre outros problemas, a história filosófica ignoraria o valor da história social e representaria um retorno à tradicional história das ideias (cf., Brock, 2017; Burman, 2017). Em resposta a algumas das críticas recebidas, Saulo afirmou que a história filosófica não ignora o valor das análises sociais ou contextuais, que são muitas vezes necessárias para a compreensão das ideias presentes nas fontes textuais, nem pretende substituir os estudos socioculturais, que são os que melhor podem almejar explicações dos determinantes sociais de certos desdobramentos históricos. Ao invés disso, a história filosófica se destacaria *quando* o propósito da pesquisa envolvesse ques-

tões teórico-conceituais³. Além disso, Saulo também defendeu que a *finalidade crítica* da historiografia da psicologia não deveria ser identificada com a *perspectiva sociocultural*, posto que certas finalidades críticas seriam alcançadas através de discussões predominantemente filosóficas, o que tornaria a história filosófica não um substituto, mas um *complemento* indispensável da historiografia contemporânea da psicologia no exercício de sua função crítica. Esta ideia de complementaridade foi chamada por ele de *pluralismo metodológico* (Araujo, 2017b).

As justificativas e defesas da história filosófica da psicologia que vimos até aqui são as que consideramos as principais razões teóricas e metodológicas para o seu desenvolvimento na perspectiva de Saulo. Sua ideia para essa história justificase, portanto, não apenas pela motivação pessoal e pela função formativa, mas também por contribuir com uma nova posição epistêmica e metodológica original para o campo da historiografia da psicologia.

Antes de concluirmos, cabe mencionar, ainda que de forma breve, que Saulo também vislumbrou algumas contribuições da história filosófica da psicologia para a psicologia teórica e filosófica. Em um estudo de 2019, ele apresentou a seguinte avaliação: “a própria ideia de uma Psicologia Teórica e Filosófica é sensível ao contexto” (Araujo, 2019, p. 120), mudando teórica e conceitualmente ao longo do tempo, de maneira que aqui “a contextualização histórica é fundamental tanto para a crítica quanto para a auto-crítica” (p. 121). Além disso, ela “pode aumentar a consciência teórica do psicólogo ou psicóloga sobre a sua tarefa presente dando-lhe um entendimento histórico de problemas teóricos persistentes na psicologia – como a relação mente-cérebro⁴” (p. 123). Por isso, em nossa compreensão, ainda que não se refira explicitamente à história *filosófica* da psicologia, é novamente ela que Saulo tem em mente para o exercício desta função de complemento à criticidade e autoconsciência no campo filosófico. Embora tenha sido formalmente apresentada por Saulo, esta reflexão não foi aprofundada por ele, como aquela que ofereceu ao campo da historiografia da psicologia, razão pela qual restringimo-nos a apenas mencioná-la aqui.

Conclusão

Saulo não desenvolveu uma justificativa epistêmica definitiva para a integração entre a história e a filosofia da ciência no campo da psicologia e, como ele mesmo reconhecia, sua história filosófica ainda poderia ser aperfeiçoada. Apesar disso, o que se procurou demonstrar até aqui foi o trabalho coeso e sistemático de

³ Este ponto é sustentado por Saulo em grande parte de seus estudos sobre a história filosófica. Contrastando o seu próprio estudo sobre Wundt com os de outros pesquisadores, como Danziger (1990), Kusch (1999) e Benetka (2002), Saulo (Araujo, 2010, 2016b) demonstra algumas fragilidades da perspectiva socioconstrutivista ao lidar com problemas de natureza teórica, e as vantagens trazidas neste cenário pela história filosófica.

⁴ Aqui Saulo utiliza como exemplo seu estudo sobre o que chamou de “eterno retorno do materialismo” (Araujo, 2012c; cf. Araujo, 2011b).

Saulo ao longo de sua carreira, contribuindo de forma efetiva para o desenvolvimento da história e da historiografia da psicologia. Dentro da comunidade brasileira de historiadores da psicologia, poucas figuras foram tão longe e tão bem-sucedidas em seu propósito, no sentido de produzir publicações e traduções na área, promover debates e reflexões acerca de seus fundamentos teórico-metodológicos, fundar instituições e disciplinas na área. Nesse sentido, não nos restam dúvidas de que seu trabalho é um legado significativo para novos profissionais desse campo e para aqueles que desejam produzir uma história da psicologia de qualidade.

Por tudo isso, e para além dos laços de afeto construídos por ele ao longo de sua vida, cremos que a obra de Saulo e seu pensamento tem um rico potencial e merecem ser estudados. Esperamos que este estudo tenha demonstrado os aspectos fundamentais de sua proposta de uma história filosófica da psicologia, bem como seus reflexos para a formação de profissionais e historiadores da psicologia. É também neste sentido que esperamos despertar aqui o interesse dos leitores por sua obra e que ela sirva de inspiração e contribua para o desenvolvimento da psicologia, sobretudo para sua historiografia e filosofia, dentro e fora do nosso país.

Referências

- Abib, A. (2005). Prólogo à história da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 53-60.
- Araujo, S. F. (1996). As fragilidades da psicanálise como ciência e como método de tratamento: Críticas de Popper, Grünbaum e Eysenck à psicanálise. *Ética e Filosofia Política*, 1(1), 111-122.
- Araujo, S. F. (1998). A influência de Karl Popper na psicologia brasileira: uma análise bibliométrica. *Revista Teoria e Pesquisa*, 14(2), 111-119.
- Araujo, S. F. (1999). Mentes e máquinas, ou, o que tem a inteligência artificial a nos dizer a respeito dos fundamentos da psicologia? *Psicologia USP*, 10(2), 241-250.
- Araujo, S. F. (2002). O materialismo eliminativo e o problema ontológico da psicologia. *Ética e Filosofia Política*, 5(2), 54-61.
- Araujo, S. F. (2010). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação*. Editora UFJF.
- Araujo, S. F. (2011a). History of psychology as a measure against oblivion. *Teorie & Modelli*, 16, 71-77.
- Araujo, S. F. (2011b). *Psicologia e neurociência: uma avaliação da perspectiva materialista no estudo dos fenômenos mentais* (2^a Ed.). Editora UFJF.

- Araujo, S. F. (2012a). A história da psicologia como medida contra o esquecimento. In E. Lourenço, R. M. Assis, & R. H. F. Campos (Orgs.). *História da psicologia e contexto sociocultural: pesquisas contemporâneas, novas abordagens* (pp.47-54). Editora PUC Minas.
- Araujo, S. F. (2012b). Entre a história, a filosofia e a psicologia: introduzindo um campo de pesquisa interdisciplinar. In S. F. Araujo (Org.). *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp.11-14). Editora UFJF.
- Araujo, S. F. (2012c). Materialism's eternal return: recurrent patterns of materialistic explanations of mental phenomena. In A. Moreira-Almeida, & F. S. Santos (Eds.), *Exploring frontiers of the mind-brain relationship* (pp. 3-15). Springer.
- Araujo, S. F. (2013). *Ecos do passado: estudos de história e filosofia da psicologia*. Editora UFJF.
- Araujo, S. F. (2016a). A integração entre a história da psicologia e a filosofia da psicologia como programa de pesquisa teórica. In C. Laurenti, C., E. Lopes, & S. F. Araujo (Org.), *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 95-123). Hogrefe.
- Araujo, S. F. (2016b). *Wundt and the philosophical foundations of psychology: a reappraisal*. Springer International Publishing.
- Araujo, S. F. (2016c). A integração entre a história da ciência e a filosofia da ciência: implicações metodológicas para a historiografia da psicologia. In R. Assis, & S. Peres (Orgs.), *História da psicologia: tendências contemporâneas* (pp. 13-30). Artesã.
- Araujo, S. F. (2017a). Toward a philosophical history of psychology: an alternative path for the future. *Theory & Psychology*, 27, 87-107.
- Araujo, S. F. (2017b). On methodological pluralism, context, and misinterpretation in the historiography of psychology: A reply to Brock and Burman. *Theory & Psychology*, 27(3), 426-433.
- Araujo, S. F. (2019). A role for the history of psychology in theoretical and philosophical psychology. In T. Teo (Ed.), *Re-envisioning theoretical psychology* (pp. 111-129). Springer International Publishing.
- Benetka, G. (2002). *Denkstile der Psychologie*. WUW.
- Brock, A. C. (2017). Alternative path for the future or a return to the past? Araujo's "philosophical" history of psychology. *Theory & Psychology*, 27(1), 108-116.
- Brozek, J., & Pongratz, L. J. (Eds.). (1980). *Historiography of modern psychology*. Hogrefe.

- Burman, J. T. (2017). Philosophical histories can be contextual without being sociological: comment on Araujo's historiography. *Theory & Psychology*, 27(1), 117-125.
- Danziger, K. (1990). *Constructing the subject*. Cambridge University Press.
- Fierro, C., & Araujo, S. F. (2020). Case for a Philosophical History of Psychology: An Interview with Saulo de Freitas Araujo at the Centenary of the Death of Wilhelm Wundt (1832-1920). *Human Arenas*, 4, 1-73.
- Furomoto, L. (1989). The new history of psychology. In I. S. Cohen (Ed.), *The G. Stanley Hall lecture series* (Vol. 9, pp. 9-34). American Psychological Association.
- Giere, R. (1973). History and philosophy of science: intimate relationship or marriage of convenience? *British Journal for the Philosophy of Science*, 24, 282-297.
- Hanson, N. (1962). The irrelevance of history of science to philosophy of science. *Journal of Philosophy*, 59, 574-586.
- Kusch, M. (1999). *Psychological knowledge: A social history and philosophy*. Routledge.
- Laurenti, C. (2012). Trabalho conceitual em psicologia: pesquisa ou "perfumaria"? *Psicologia em Estudo*, 17(2), 179-181.
- Laurenti C., Lopes C. E., & Araujo, S. F. (2016). A necessidade da pesquisa teórica em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. F. Araujo (Orgs.). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 7-13). Hogrefe.
- Lovett, B. (2006). The new history of psychology: a review and critique. *History of Psychology*, 9, 17-37.
- Penna, A. G. (1998). A presença do pensamento filosófico na psicologia contemporânea. In J. Brozek, & R. H. F. Campos (Eds.), *Historiografia da psicologia moderna – versão brasileira* (pp. 49-60). Unimarco/Loyola.
- Teo, T. (Ed.) (2019). *Re-envisioning theoretical psychology*. Springer International Publishing.
- Tourinho, E. Z., Carvalho-Neto, M. B., & Neno, S. A. (2004). A psicologia como campo do conhecimento e como profissão de ajuda. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 17-24.
- Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica – por quê? In J. Brozek, & R. H. F. Campos (Eds.), *Historiografia da psicologia moderna – versão brasileira* (pp.

21-41). Unimarco/Loyola.

Young, R. (1966). Scholarship in the behavioral sciences. *History of Science*, 5, 1-51.

Nota sobre os(as) autores(as):

Cíntia Fernandes Marcellos é graduada, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. E-mail: cintia.marcellos@ifsudestemg.edu.br

Monalisa Maria Lauro é graduada, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente no Centro Universitário UniAcademia. E-mail: monalisalauro@uniacademia.edu.br

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira é graduado, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor-adjunto da Universidade Federal Fluminense - Campus Volta Redonda. E-mail: thiagocrpereira@gmail.com

Data de submissão: 13.06.2025

Data de aceite: 19.07.2025